



Fotografar para esconder: a trajetória divergente de um fotojornalista chinês

Photographing to hide:
the divergent trajectory of a chinese photojournalist

Fotografiar para ocultar:
la trayectoria divergente de un fotoperiodista chino

Marcela Valle – Universidade Federal do Rio de Janeiro | Rio de Janeiro | RJ | Brasil. E-mail: marcelachaves@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8796-9310>

Resumo: A fotografia tanto revela quanto oculta. Porém, quando uma imagem é criada, presume-se que é para dar algo a ver. No caso de Li Zhensheng, fotojornalista chinês que documentou os dois lados da Revolução Cultural Proletária (1966-1976), era imperativo esconder os negativos interditos da vigilância oficial. Imagens sitiadas, que já nascem proibidas e precisam se manter nas sombras até o dia em que seja possível alcançar a luz. Foram necessárias quatro décadas de espera para que *Red-color news soldier* revelasse ao mundo uma verdade que até hoje os chineses são proibidos de ver. A partir da premissa de que a imagem é reserva de futuro e com base na articulação teórica de Hannah Arendt em *Entre o passado e o futuro*; esse artigo se propõe a refletir sobre que porvir é possível sem as guias do passado? Enquanto sustenta uma política de esquecimento, a China persiste em negar aos seus cidadãos sua preciosa herança.

Palavras-chave: fotografia; história; imagens sitiadas.

Abstract: Photography both reveals and hides. However, when an image is created, is supposed to give something to see. In the case of Li Zhensheng, a Chinese photojournalist who documented both sides of the Proletarian Cultural Revolution (1966-1976), it was imperative to hide the forbidden negatives from official surveillance. Besieged images, which are born forbidden and must remain in the shadows until the day when is possible to reach the light. It took four decades of waiting for Red-color news soldier reveal to the world a truth that even today the Chinese are forbidden to see. From the premise that the image is a reserve for the future and based on Hannah Arendt's theoretical articulation in *Between the past and the future*; this article proposes to reflect on what future is possible without the guides of the past? While sustaining a policy of forgetfulness, China persists in denying to citizens their precious heritage.

Keywords: photography; history; besieged images.



<https://doi.org/10.22484/2318-5694.2022v10id5137>



Resumen: La fotografía tanto revela como esconde. Sin embargo, cuando se crea una imagen, se supone que es para dar algo a ver. En el caso de Li Zhensheng, un fotoperiodista chino que documentó ambos lados de la Revolución Cultural Proletaria (1966-1976), era imperativo ocultar los negativos prohibidos de la vigilancia oficial. Imágenes sitiadas, que ya nacen prohibidas y deben permanecer en la sombra hasta el día en que sea posible alcanzar la luz. Fueron necesarias cuatro décadas de espera para que Red-color News Soldier revelara al mundo una verdad que aún hoy los chinos son prohibido ver. Partiendo de la premisa de que la imagen es una reserva de futuro basado en la articulación teórica de Hannah Arendt en Entre el pasado y el futuro; Este artículo propone reflexionar sobre ¿qué futuro es posible sin las guías del pasado? Mientras mantiene una política de olvido, China persiste en negar a sus ciudadanos su preciado patrimonio.

Palabras clave: fotografía; historia; imagenes sitiadas.

Recebido em: 30/09/2022

Aprovado em: 15/12/2022

Revisado em: 28/12/2022



*“Uma história que se ocupa das imagens
é sobretudo uma história do futuro,
uma história poética”.*

Maurício Lissovsky

1 Introdução

Em sua extensa pesquisa sobre fotografia, Maurício Lissovsky nos deixa um legado a respeito da reflexão sobre a imagem/tempo. Um dos pontos altos de sua proposta metodológica é olharmos a imagem como reserva de futuro. “É por meio do futuro guardado nas imagens que os vestígios do passado nos visam e ainda nos dizem alguma coisa” (2011, p. 11). As fotografias não nos falam somente sobre o que aconteceu, um passado consumado, o “isto foi” *barthesiano*, como de costume são observadas; elas guardam nos traços de sua expectativa uma promessa de futuro, um sonho adormecido à espera de seu despertar. “Todo ‘achado’ em uma imagem de arquivo é um olhar correspondido que atravessa as eras, o reencontro de um porvir que o passado sonhara – e que somente o nosso próprio sonho de futuro permite vislumbrar” (LISSOVSKY, 2014, p. 135). Por décadas Li Zhensheng sonhara com esse momento. O dia em que as fotografias do lado sombrio da Revolução Cultural pudessem finalmente vir à tona para explicar ao mundo o que realmente acontecia na China durante época tão sombria. Mas é importante compreender que tal elucidação somente se concretiza se formos capazes de, na atualidade, retribuir esse olhar.

A China protagonizou um dos episódios mais sangrentos e obscuros da história da Humanidade. Nos anos que precedem e resultam na Grande Revolução Cultural Proletária (1966-1976), vidas humanas foram manipuladas e subjugadas, muitas foram descartadas, em um ardiloso jogo por imagem e poder. Durante décadas, mesmo com sucessivos fracassos colossais, a China sustentou a crença na ilustre figura de seu “grande timoneiro”; enquanto o Ocidente, por sua vez, idealizava a imagem pública do líder e “filósofo” Mao Tsé-Tung. O espanto, contudo, surge da permanência desta imagem na contemporaneidade, mesmo décadas após a morte de Mao e o conseqüente fim da Revolução Cultural; mesmo após as vozes dissonantes



ecoarem ao mundo o que ocorria – e ainda ocorre – com quem não acata cegamente as ordens do governo.

2 O maoísmo no mundo

Nos dias atuais, elogios a Mao Tsé-Tung ainda despontam no Ocidente. É o que se constata em “A hipótese comunista” de Alain Badiou (2012)¹. Ao longo do texto, o filósofo francês cita palavras de ordem de Mao para exaltar “a forma realmente revolucionária” da Revolução Cultural e compara o “fervor revolucionário” da juventude francesa de maio de 1968 ao da juventude chinesa por ele idealizada². Para o curador britânico Robert Pledge essa admiração não é surpresa. Em seu prefácio ao “*Red-color news soldier*” (2003, p. 7) – livro testemunhal do fotógrafo chinês Li Zhensheng que veremos brevemente logo mais – Pledge esclarece que “o mundo ocidental contemplou durante muitos anos com assombro e fascinação, rara vez com horror, a Mao Zedong e a Revolução Cultural”. E adverte que, “inclusive hoje em dia podemos chegar a idealizar o caos revolucionário que caracterizou aquela época” (2003, p. 7, tradução nossa)³. No entanto, de acordo com diversos relatos testemunhais, a realidade na China era bem distinta do que Mao difundia ou permitia transparecer dentro ou fora de suas fronteiras⁴.

¹ A proposta de Badiou é nobre: revitalizar a ideia do comunismo a partir de uma perspectiva histórica que tire proveito de sua trajetória de fracassos e apresente alternativas viáveis às fatídicas práticas capitalistas. Contudo, as referências a Mao Tsé-Tung são questionáveis.

² Conforme argumenta o pesquisador chinês sobre estudos franceses, Xiaoquan Chu, em seu artigo “Alain Badiou and the multiple meanings of the “Cultural Revolution””, a única semelhança entre os jovens que participaram dos movimentos na China e na França eram ser mais ou menos da mesma idade. “Em Paris, os jovens estudantes clamaram por liberdade irrestrita. Seu slogan era: “É proibido proibir”. Na China, a obediência incondicional ao líder supremo foi a primeira condição para a sobrevivência: “Somos todos os pequenos girassóis sempre voltados para o sol vermelho que é o presidente Mao”, era o refrão dos chamados “rebeldes vermelhos”” (CHU, 2016).

³ “el mundo occidental contemplo durante muchos años con asombro y fascinación, rara vez con horror, a Mao Zedong y la Revolución Cultural [...] incluso hoy día podemos llegar a idealizar el caos revolucionario que caracterizó aquella época” (PLEDGE, 2003, p. 7).

⁴ É importante ressaltar que, anterior à data da publicação do livro de Badiou lançado na França em 2009, já existia disponível no Ocidente vasta literatura testemunhal sobre a Revolução Cultural. Xiaoquan Chu lista algumas dessas opções em seu artigo. Acrescento ainda os dois livros aqui abordados, igualmente disponíveis antes da publicação de Badiou: “Mao: a história desconhecida” (CHANG; HALLIDAY, 2012) lançado em 2005 e “Soldado rojo de las noticias” (ZHENSHEG, 2003), lançado em 2003, ambos proibidos na China.



Ex-guarda vermelha, em seu livro “Mao: a história desconhecida (2012)”, a escritora chinesa Jung Chang denuncia o número de mortos, ainda inexato, resultante da ganância desmedida e egocêntrica de seu líder supremo “que durante décadas deteve poder absoluto sobre a vida de um quarto da população mundial”: Mao Tse-tung “foi responsável por bem mais de 70 milhões de mortes em tempos de paz, mais do que qualquer outro líder do século XX” (CHANG; HALLIDAY, 2012, p. 13). Um número alarmante, alcançado por anos de rigorosa pesquisa em arquivos e entrevistas pelo mundo, realizadas por Chang junto a seu marido, o historiador britânico Jon Halliday.

Chang experimentou na pele tanto o fervor revolucionário em plena juventude, quanto as consequências desastrosas das políticas de Mao. Possuía apenas 14 anos de idade quando sentiu os ventos extasiantes da Revolução Cultural convocá-la a ser, como tantos outros, uma Guarda Vermelha. Conforme nos conta, os jovens chineses responderam com grande entusiasmo ao chamado à rebelião:

Participar da política era algo que ninguém tivera permissão para fazer no regime de Mao e o país fervilhava de ativistas frustrados aos quais haviam sido negados os canais normais disponíveis em muitas sociedades, até mesmo sentar-se para discutir questões. Mas, de repente, parecia haver uma chance de se engajar. Aos que se interessavam por política, a perspectiva era tremendamente excitante (CHANG; HALLIDAY, 2012, p. 486).

Mas seu encanto em portar a rubra braçadeira durou pouco. O ataque deliberado a professores abriu os olhos da jovem para a violência desmedida que o movimento comportava⁵. Restaria a Chang “dar o passo inimaginável de questionar o próprio Mao”. Como resultado de tamanha desobediência civil, “seus pais foram denunciados e torturados, e ela mesma foi exilada à beira do Himalaia” (JUNG CHANG). Hoje, ao menos fora do território chinês, já é possível para as vozes

⁵ Por transmitirem cultura e estimularem a reflexão, os professores foram as primeiras vítimas da Revolução Cultural. “Aos estudantes foi dito para condenar seus professores e aqueles encarregados da educação por envenenar suas cabeças com “ideias burguesas” [...] A mensagem foi posta em letras garrafais na primeira página do Diário do Povo e repetida com voz estridente no rádio, transmitida por alto-falantes pendurados em todos os lugares, criando uma atmosfera que fazia ferver e gelar o sangue ao mesmo tempo” (CHANG; HALLIDAY, 2012, p. 486). Por toda a China, diversos professores foram humilhados e torturados, “provocando uma cascata de suicídios” (CHANG; HALLIDAY, 2012, p. 487). Em menos de dois meses ocorreria a primeira morte por tortura da Revolução Cultural, uma diretora de escola que fora pisoteada, espancada e queimada pelos estudantes da Guarda Vermelha.



dissonantes ecoarem a experiência concreta do que fora viver durante a Revolução Cultural, embora nem sempre alcancem a devida ressonância.

Se na atualidade ainda há resquícios de elogios a Mao, nos anos que antecedem a Revolução Cultural e nela culminam, enquanto atrocidades eram cometidas diariamente e as vozes dissidentes, inauditas; não era incomum o Ocidente idealizar o maoísmo. Mesmo após uma sucessão de fracassos, os planos do líder chinês para ampliar seu poder na China e expandir o maoísmo pelo mundo seguiram inabaláveis, em parte legitimados pelo apoio recebido do exterior.

A ideia de promover a experiência da China como modelo quando milhões de chineses morriam de fome poderia parecer absurda, mas Mao não se perturbou, pois tinha filtros rigorosos sobre o que os estrangeiros podiam ver e escutar. Em fevereiro de 1959, a “avaliação preliminar” da CIA sobre a produção chinesa de alimentos era que havia “aumentos notáveis na produção”. Mao poderia facilmente enganar a maioria dos visitantes (CHANG; HALLIDAY, 2012, p. 437).

Não foram poucas as lideranças e celebridades que visitaram o país e vivenciaram uma China próspera e exemplar, um teatro encenado nos mínimos detalhes para ludibriar seletos espectadores enquanto sua população literalmente morria de fome por detrás das cortinas⁶.

No decorrer da Guerra Fria, diversos intelectuais buscaram alternativas às políticas capitalistas inclusive nas sociedades comunistas. A imagem propagada de uma exótica China Revolucionária era no mínimo atrativa, e muitos acreditaram que a Revolução Cultural correspondia ao que pronunciava: uma “revolução socioeconômica por meio da cultura” (BRANDINI, 2017, p. 752). Em contrapartida, começavam a irromper rumores sobre os horrores cometidos pelo regime estalinista na então União Soviética. Além dos relatos sobre o cerceamento de direitos imposto por Stálin revelarem sua natureza ditatorial, as denúncias sobre os campos de trabalho forçado na Sibéria repercutiram; o que colocava “em questão a própria ideologia marxista aplicada à prática, sob a forma de um regime” (BRANDINI, 2017,

⁶ Em seu livro, Chang e Halliday (2012) listam uma série de políticos e intelectuais proeminentes que, mesmo após visitarem pessoalmente o país entre as décadas de 1950 e 1960, retornaram legitimando o poder de Mao e afirmando ao mundo que não havia fome na China. A escritora francesa Simone de Beauvoir; o filósofo francês Jean Paul Sartre; François Mitterrand, líder socialista francês e futuro presidente da França; Pierre Trudeau, futuro primeiro-ministro canadense; lorde Boyd-Orr, ex-diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação; e o marechal britânico Montgomery, são alguns dos nomes citados.



p. 752). Tal desilusão acarretava um vazio para os intelectuais de esquerda que abraçavam a luta anticapitalista e tinham o Partido Comunista como seu representante. Sem informações oriundas da China sobre o que realmente acontecia por lá e com a verdade brotando sobre o regime stalinista; ao menos no campo teórico, o maoísmo surgia como uma sedutora opção para o Ocidente.

A virada maoísta da revista literária francesa *Tel Quel*, composta por Philippe Sollers, Julia Kristeva e Marcelin Pleyne exemplifica bem a complexidade deste momento histórico. Diante dos acontecimentos do início de 1970, *Tel Quel* abandona a aliança com o Partido Comunista Francês (PCF) para se tornar maoísta. “Mais do que a própria Revolução Cultural (1966), de que pouco se tinha informação à época, era com base no que se idealizava sobre ela [...] que muitos intelectuais aderiram ao maoísmo” (BRANDINI, 2019, p. 72). A dissidência com o PCF também significava uma forma de redenção pelo grupo ter apoiado o partido em detrimento dos estudantes ativistas em maio de 1968. Com efeito, para os franceses, e nas palavras de Sollers (*apud* POLLACK, 2011), a juventude chinesa simbolizava uma retomada da “transmissão ao vivo e viva da vontade revolucionária”.

Instigados pelo que o povo chinês teria por oferecer, o grupo de *Tel Quel*, acompanhado de Francois Wahl e Roland Barthes, partem rumo à China em plena Revolução Cultural com interesse não apenas nas questões políticas, mas sobretudo curiosos com a sociedade, a cultura e as peculiaridades orientais. Segundo palavras de Barthes (1994)⁷, “parte-se para a China munidos de mil questões imperativas e, aparentemente, naturais”:

qual o sentido, lá, da sexualidade, da mulher, da família, da moralidade? Qual o sentido das ciências humanas, da linguística, da psiquiatria? Agitamos a árvore do saber para que a resposta caia e possamos voltar providos do que é o nosso principal alimento intelectual: um segredo decifrado. Mas nada cai (BARTHES, 1994, p. 161).

A China se mostra impenetrável. Paulatinamente, em meio a singularidades aparentes e dissensos encobertos, Barthes percebe o abismo à frente. Questões relevantes aos visitantes transmutam-se em impertinência aos olhos dos anfitriões. Guiados todo o tempo por tradutores-agentes do Estado, a delegação cumpre à risca

⁷ Em 24 de maio de 1974, logo após seu retorno à França, Barthes publica suas primeiras sensações da viagem em “Alors, la Chine?”, no jornal francês *Le Monde*.



um roteiro oficial pré-aprovado e tem negado qualquer pedido extraoficial, como visitar uma “Escola 7 de Maio”, campo de reeducação para os opositores do governo, inclusive intelectuais.

Concentrado nos sentidos, despertos ou negligenciados, Barthes deduz que a China é insípida, pálida, prosaica. Nenhuma liberdade, constata. “O desejo, a inteligência, a luta, o trabalho, tudo o que divide, transborda, passa” (BARTHES, 1994, p. 166). Em contrapartida, o que ela dá a ver é seu Texto político. Enormes cartazes com os belos ideogramas chineses estampam as diretrizes oficiais por todos os lugares por onde passa a comitiva. Apreciados como arte pelos visitantes, os *dazibao* propagam e massificam palavras de ordem e campanhas de difamação do governo. Mas Barthes está ciente de que “o discurso representa sempre, à maneira de um relato épico, a luta de duas “linhas””: “sem dúvida, nós, estrangeiros, não ouvimos senão a voz da linha triunfante, mas esse triunfo nunca é triunfalista; é um alerta” (p. 167).

Tampouco o crítico francês fora o único a perceber tal sinal. Deste grupo de forasteiros, François Wahl foi quem mais se aproximou do lado obscuro da realidade chinesa. Com a declaração de que “Revolução Cultural Proletária: Nenhuma dessas palavras é aproximada”, Wahl entende que “em vez de revolucionar a cultura, o movimento apenas desvinculou o povo de toda tradição”, ao ponto em que este “aceitou ser amnésico” ao excluir os valores de seu passado e negar sua história (POLLACK, 2011). Contudo, apesar de Sollers confessar ao grupo “não saber entender a realidade do país, que sempre lhe escapou” (POLLACK, 2011), em seu discurso oficial o editor da *Tel Quel* contesta veementemente as declarações de Wahl. O grupo de intelectuais não ousou se opor publicamente ao regime chinês, embora tenham aos poucos abandonado o maoísmo⁸. De fato, desde o início da jornada, pareciam mais centrados em suas próprias questões, o que trazer como aprendizado para França, do que descobrir efetivamente o que se passava na vida cotidiana da população chinesas. Como salienta Rachel Pollack (2011):

A jornada de *Tel Quel* é um exemplo clássico do que Paul Hollander descreve como uma jornada de “peregrinos políticos” de intelectuais ocidentais em busca de utopia nas sociedades comunistas. Como os visitantes da União Soviética na década de 1930, argumenta ele, os turistas políticos na China querem encontrar a solução para os problemas de suas próprias sociedades.

⁸ Rachel Pollack (2011) relata que embora *Tel Quel* não chegue a repudiar a Revolução Cultural, existem indicações “das desilusões políticas de seus editores” após a visita.



Outro ponto relevante é a conexão simbólica entre a Revolução Cultural e Maio de 68, onde “qualquer crítica ao regime maoísta teria marcado a resistência de Tel Quel à revolução estudantil global” (POLLACK, 2011). Eles não arriscariam cometer esse erro novamente. Todavia, é impossível não pensar que, se algum relato similar aos que surgiam da União Soviética tivesse rompido o controle absoluto de Mao, talvez o rumo da história chinesa tivesse sido outro.

Deste modo, com o consentimento das nações globais e o silenciamento das dissidências internas, o controle sobre a imagem da China seguia absoluto. As informações propagadas tanto fora quanto dentro das fronteiras passavam por rígida modulação e vigilância. Os próprios chineses eram impedidos de sair da China e somente a uma elite seleta era autorizado cruzar os limites territoriais de seu país. Os poucos cidadãos comuns que, ao longo deste período histórico, arriscaram a vida em ousadas fugas à nado para Hong Kong, mesmo quando sobreviviam para contar suas histórias, mesmo quando conseguiam romper “o muro de silêncio sobre a fome no regime de Mao”, acabavam com suas vozes caladas, dada a pouca credibilidade que obtinham no Ocidente (CHANG; HALLIDAY, 2012, p. 438). Afinal, políticos e intelectuais proeminentes garantiam ao mundo que não havia fome na China – no exato momento em que 37,67 milhões de chineses pereciam⁹.

Não eram só os estrangeiros, entretanto, os enganados por Mao. Os chineses realmente acreditaram nas promessas proferidas por seu líder supremo.

⁹ O escritor britânico Philip Short, em seu livro *Mao: a life* (2000), considerou 20 a 30 milhões de mortos. O historiador e sinólogo Stuart Schram acredita que 37,67 milhões, número de Chang e Halliday, pode ser o mais preciso. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/china-quarterly/article/abs/mao-the-unknown-story-jung-chang-and-jon-halliday-london-jonathan-cape-2005-814-pp-2500-isbn-0224071262/0D7FCF6005DE49CF3A66E5B34A2AFF3C>. Acesso em: 12 abr. 2022.



3 O chamado acalorado do grande timoneiro

Como grande parte de seus compatriotas, Li Zhensheng também aderiu ao chamado da revolução. Sua geração tornou-se conhecida como “nascida da antiga sociedade, mas criada sob a bandeira vermelha” (ZHENSHENG, 2003, p. 21, tradução nossa)¹⁰. Eram ensinados que a braçadeira representava uma ponta da bandeira da China comunista “tingida com o sangue fresco dos mártires” – como seu irmão, morto aos dezessete anos enquanto lutava no exército de Liberação Popular de Mao. Abraçar o chamado à revolução era o caminho esperado para essa juventude.

Em 16 de maio de 1966, quando o Comitê Central do Partido Comunista Chinês anunciou o início da Revolução Cultural Proletária, os chineses se emocionaram verdadeiramente. “Quando Mao disse “destruir o antigo e estabelecer o novo”, todos tiveram a impressão de que era um movimento *justo*” (ZHENSHENG, 2003, p. 71, tradução nossa)¹¹. As palavras de ordem comoviam ao convocar a sociedade à luta revolucionária e legitimá-la com o slogan: “*É justo rebelar-se!*”. Era a grande chance da população de participar ativamente da política do país. Entretanto, é interessante observar como uma reação tão prontamente otimista foi possível mesmo após Mao acumular fracassos colossais em sua governança.

Desde o início dos anos 1930, antes de Mao consagrar-se líder da China Comunista, denúncias já haviam sido proferidas contra sua índole. Acusado de “incriminar falsamente e perseguir camaradas”, uma circular foi emitida com uma descrição detalhada da atuação de Mao no exército:

Ele é extremamente trapaceiro e dissimulado, egoísta e cheio de megalomania. Com seus camaradas, é mandão, aterroriza-os com acusações de crimes e os sacrifica. Raramente realiza discussões sobre assuntos do partido [...] Sempre que expressa uma opinião, todos devem concordar, senão usa a organização do partido para dar um aperto em você, ou inventa algumas teorias fabricadas para tornar-lhe a vida absolutamente terrível. [...] Mao sempre usa acusações políticas para atingir camaradas. Seu método costumeiro em relação aos quadros é [...] usá-los como instrumentos pessoais. Em resumo, [...] ele nem é um líder revolucionário, nem é [...] bolchevique (CHANG; HALLIDAY, 2012, p. 96).

¹⁰ “nacida de la antigua sociedade pero criada bajo la bandera roja” (ZHENSHENG, 2003, p. 21).

¹¹ “Cuando Mao dijo “destruid lo antiguo y estabemed lo nuevo”, todos tuvieron la impresión de que era un movimiento *justo*” (ZHENSHENG, 2003, p. 71).



Munido com o apoio irrestrito de Moscou na época e da direção do partido em Xangai, Mao eliminava qualquer oposição que surgisse à sua frente. Em resposta às acusações, iniciou um expurgo em larga escala com o objetivo de “livrar-se de todos os que haviam se oposto a ele e, no processo, gerar um tal terror que ninguém mais ousaria desobedecê-lo a partir de então” (CHANG; HALLIDAY, 2012, p. 94). Dezenas de milhares tombaram nesta vingança pessoal, enquanto a imagem de sua liderança saía fortalecida¹². Em 1949, quando o Exército de Libertação Popular ganha a guerra civil contra os nacionalistas, surge a República Popular da China junto a seu ilustre presidente, Mao Tsé-Tung.

Novas traições não demoraram a aparecer. A “Campanha das Cem Flores” (1956-1957) foi lançada sob o pretexto de estimular os debates públicos e combater a burocracia partidária, mas as críticas de camponeses, operários e intelectuais foram amplamente ouvidas apenas para serem prontamente caladas. A suposta abertura ao diálogo culminou na eliminação das detectadas vozes dissidentes. Milhares de intelectuais foram perseguidos, presos e mortos, acusados de não apoiar o comunismo¹³.

Na sequência, foi a vez de Mao concentrar as ações no fomento à agricultura do país com a implementação do “Grande Salto Adiante” (1958-1962). Grandes esforços foram exigidos à população que abraçou com entusiasmo a política proposta. Li Zhensheng conta que o começo do Grande Salto Adiante foi verdadeiramente emocionante: “Nos disseram que em quinze anos alcançaríamos e inclusive superaríamos o nível de vida da Grã Bretanha e dos Estados Unidos! O país inteiro

¹² Neste evento, Chang e Halliday narram que “somente no Exército, foram em torno de 10 mil mortes — cerca de um quarto de todo o Exército Vermelho sob o comando de Mao na época —, como revelou o relatório secreto feito imediatamente depois. Foi o primeiro expurgo em larga escala no partido, e ocorreu antes do Grande Expurgo de Stálin. Esse episódio crítico — de certa forma, o momento formador do maoísmo — é encoberto ainda hoje. A responsabilidade e os motivos pessoais de Mao, assim como sua extrema brutalidade, continuam a ser tabu” (2012, p. 97-98).

¹³ Enquanto isso, no Capítulo XXVII – A crítica e a autocrítica de “O livro vermelho”, de Mao Tsé-Tung (2002), encontram-se os seguintes aforismos: “A prática conscienciosa da autocrítica é uma das características marcantes que distinguem nosso partido dos demais partidos políticos”. “Como servimos o povo, não temos medo de ver apontadas e criticadas as falhas que tivemos. Seja quem for pode apontar as nossas falhas; se tiver razão, nós corrigi-las-emos. Se aquilo que propuser beneficiar o povo, nós agiremos de acordo com a proposta”.



se mobilizou” (2003, tradução nossa, p. 22)¹⁴. Todavia, a campanha se converteu em um imenso desastre. A comida logo se tornou escassa por todo território e a China sofreu de uma epidemia de fome terrível no que pode ser considerado “uma das tragédias mais colossais da história moderna: uma fome que acabou com a vida de mais de vinte milhões de pessoas” (ZHENSHENG, 2003, p. 30, tradução nossa)¹⁵. Casos de canibalismo foram registrados em alguns condados: “As pessoas simplesmente ficavam loucas de fome”, relatou um camponês (*apud* CHANG; HALLIDAY, 2012, p. 416).

Após tamanho fracasso, Mao se retira momentaneamente de cena para ressurgir com a China já recuperada. O antigo herói guerrilheiro se dizia insatisfeito com os rumos do país e tampouco estava pronto para abandonar seu alto posto no cenário político chinês. Seu retorno aos holofotes havia de ser triunfante. Enquanto articulava estratégias políticas, Mao se ocupou de alimentar o culto a sua personalidade. “Panegíricos de Mao dominaram cada vez mais os textos escolares, publicações, a mídia e todas as esferas que afetavam a mente das pessoas, de tal modo que, para onde quer que se olhasse, havia slogans em seu louvor” (CHANG; HALLIDAY, 2012, p. 462). Com seu grande aliado e então Ministro da Defesa, Lin Piao, surgiria uma das peças-chave da propagação do maoísmo na China e no mundo: o “Pequeno Livro Vermelho”, uma coletânea de citações do presidente Mao que, junto à onipresença de seu retrato pelos espaços públicos e privados de toda China, consolidaram a edificante imagem de seu líder supremo.

Em 1964 inicia-se a campanha precursora da Revolução Cultural: o “Movimento de Educação Socialista”. Milhares de jovens são retirados das cidades e enviados para as áreas rurais para compartilhar da dura vida campesina e do fervor revolucionário. Era preciso trabalhar, comer e viver exclusivamente com os camponeses, sem descanso. “A formação de comunas populares constitui um dos experimentos sociais mais radicais da história contemporânea. [...] A vida individual

¹⁴ “Nos dijeron que em quince años alcanzaríamos e incluso superaríamos el nivel de vida de Gran Bretaña y Estados Unidos! El país entero se movilizó” (ZHENSHENG, 2003, p. 22).

¹⁵ “una de las tragedias más colosales de la historia moderna: una hambruna que acabó con la vida de más de veinte millones de personas” (ZHENSHENG, 2003, p. 30).



desaparece nas áreas de coletividade” (ZHENSHENG, 2003, p. 37, tradução nossa)¹⁶. Com o tempo, as comunas se tornaram brigadas de produção. O trabalho no campo era alternado com exercícios militares e todos tinham que se dedicar por horas a estudar os escritos de Mao.

Nas cidades, escolas convencionais, universidades e bibliotecas foram fechadas. A educação se centrava somente na produção agrícola e industrial. Templos budistas foram atacados e os monges humilhados em praça pública. Taxados como burgueses, os cargos mais importantes do partido também viraram alvo de perseguições e tiveram suas propriedades destruídas. Era o prenúncio das catastróficas medidas que levariam à derrocada de um por um dos inimigos de Mao, deixando-o como o único e indiscutível líder da China.

Quando se inicia a Revolução Cultural, o retrato de Mao adentra a casa de cada cidadão como prova de sua devoção; o Livro Vermelho alcança a mão de todos os chineses que deveriam não somente memorizá-lo com afinco como “carregá-lo e empunhá-lo em todas as ocasiões públicas” (CHANG; HALLIDAY, 2012, p. 486). Onipresente como imagem, inacessível como pessoa, suas reflexões “se converteram na ubíqua expressão oficial do pensamento chinês, substituindo qualquer outro texto desta natureza (muitos recém censurados)”, argumenta Li Zhensheng para concluir que tal “campanha de propaganda sem precedentes concedeu a Mao um controle ilimitado sobre a população” (2003, p. 144, tradução)¹⁷. O culto à sua personalidade atingiu “níveis febris”:

Seu rosto dominava a primeira página do Diário do Povo, que também publicava uma coluna de suas citações todos os dias. Logo surgiram distintivos com sua cabeça, dos quais foram fabricados cerca de 4,8 bilhões no total. Imprimiram-se mais exemplares de suas Obras selecionadas – e mais retratos dele (1,2 bilhão) – do que o número de habitantes da China (CHANG; HALLIDAY, 2012, p. 486).

¹⁶ “La formación de las comunas populares constituye uno de los experimentos sociales más radicales de la historia contemporánea [...] La vida individual desaparecía en aras de la colectividad” (ZHENSHENG, 2003, p. 37).

¹⁷ “se convirtieron en la ubíqua expresión oficial del pensamiento chino, reemplazando cualquier otro texto de esta índole (mucho de ellos recién censurados) [...] una campaña de propaganda sin precedentes otorgó a Mao un control ilimitado sobre la población” (ZHENSHENG, 2003, p. 144).



Não havia escape. Inclusive as crianças eram doutrinadas desde cedo a louvar seu líder supremo e a se portarem como guardas vermelhos, como podemos ver na fotografia de Li Zhenheng (Figura 1).

Figura 1 – No Dia Nacional, as crianças carregam lanças com borlas vermelhas e exibem braçadeiras da Guarda Vermelha durante um desfile pelas ruas; a imagem captura o momento em que eles passam em frente a uma loja de departamentos de estilo russo (acima).¹⁸



Fonte: Li Zhenheng, *Red Color News Soldier* (ZHENSHENG, 2003, p. 125).

Com o discurso de acabar com a contrarrevolução, combater o retrocesso ideológico e eliminar a corrupção no partido, Mao se consolida como o grande timoneiro e convoca a população a protagonizar a salvação de seu país. Por todos os lados bandeiras estampam palavras de ordem como “Aprender, apoiar, difundir e

¹⁸ Em el Día de La Nación, los niños llevan lanzas con borlas rojas y exhiben los brazaletes de la Guardia Roja durante un desfile por las calles; la imagen recoge el momento en que pasan por delante de unos grandes almacenes em estilo ruso (arriba) (ZHENSHENG, 2003, p. 125).



defender o ensinamento supremo do presidente Mao. É justo rebelar-se” (ZHENSHENG, 2003, p. 185, tradução nossa)¹⁹.

Por fim, Mao era um Deus e suas palavras, sagradas. “Era essa a atmosfera daquela época. Mao era algo mais que um líder, era nosso *salvador*. E todos deviam ter fé nele, ou ao menos fingir que tinham. Suas ordens eram sagradas e era preciso obedecê-las cegamente” (ZHENSHENG, 2003, p. 132, tradução nossa)²⁰. Apesar de admitir que de início também fora contagiado por tamanha comoção, não demorou para que o fotógrafo tivesse sua própria impressão sobre o que estava ocorrendo em seu país: “consciente ou inconsciente eu escolhia ângulos ou composições que refletiam minha opinião sobre aquilo tudo: nós estávamos vivendo uma espécie de loucura” (ZHENSHENG, 2003, tradução nossa, p. 132)²¹.

4 Li Zhensheng: o guardião da História

Li Zhensheng foi um verdadeiro guardião da História. “Tinha pouco mais de 25 anos quando tomou uma decisão que sustentou por quase quarenta anos, às escuras. Agiu com método e paciência, temperou medo com esperança e a História do século 20 agradece” (HARAZIM; ZHENSHENG, 2013)²². Devido ao seu primoroso olhar podemos sentir a euforia contagiante da juventude chinesa respondendo prontamente ao chamado da rebelião; mas é devido à sua coragem e convicção que é possível hoje confrontar a dimensão do horror incitado por Mao Tsé-Tung durante os dez anos catastróficos da Revolução Cultural.

Como nos conta em seu livro, havia aprendido que “a missão do fotógrafo não é somente ser testemunha da história, mas documentá-la” (ZHENSHENG, 2003,

¹⁹ “Aprender, apoyar, difundir y defender la suprema enseñanza del Presidente Mao. Es justo rebelarse” (ZHENSHENG, 2003, p. 185).

²⁰ Ésa era la atmósfera de aquella época. Mao era algo más que un líder, era nuestro salvador. Y todos debían tener fe en él, o al menos fingir que la tenían. Sus órdenes eran sagradas y era preciso obedecerlas ciegamente” (ZHENSHENG, 2003, p. 132).

²¹ “consciente o inconscientemente elegía ángulos o composiciones que reflejaban mi opinión acerca de todo aquello: estábamos viviendo una especie de locura” (ZHENSHENG, 2003, p.132).

²² A jornalista Dorrit Harazim entrevistou Li Zhensheng para a Revista Zum em sua visita ao Brasil, em 2013. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-4/o-guardiao-da-historia/>. Acesso em: 22 fev. 2022.



tradução nossa, p. 78)²³. Intuíva que naquele momento tão decisivo para a história de seu país, seu dever era fotografar tudo quanto possível, deixar capturado, em imagens grandiosas, indícios e sensações sobre o que ocorria em um tempo tão dramático e obscuro. Apenas “não sabia se fazia em nome da revolução, para as gerações futuras ou simplesmente para mim mesmo, no entanto tinha certeza que minha câmera era o melhor instrumento para realizar a tarefa” (ZHENSHENG, 2003, p. 79, tradução nossa)²⁴.

Uma tarefa hercúlea, visto tamanho controle e vigilância a China exercia – e exerce – sobre sua imagem. O forte aparato de censura tão característico do país vermelho atuava não apenas sobre o que aparecia na mídia como sobre a própria produção das imagens: os repórteres fotográficos eram proibidos de produzir fotografias “negativas”, imagens que fossem consideradas contraproducentes ao regime tirânico. As fotos oficiais deviam se concentrar em passar uma mensagem positiva da aclamação popular e da revolução em curso; se por ventura sua aparência fosse de recriminação ou denúncia, ela devia ser descartada. Inclusive o fotojornalista seria duramente criticado por desperdiçar filme com imagens inapropriadas.

As seções de luta e os expurgos eram públicos e serviam como alerta a quem não obedecesse às ordens vigentes. Envolviam denúncia, humilhação e até tortura, e por mais violentos que fossem, eram considerados legítimos para a revolução. Inclusive quando atingiu aos altos cargos do partido acusados de ambição política e acúmulo de riquezas, como é o caso do governador Li Fanwu. Ele já havia sido um dos homens mais poderosos da província, mas nem assim escapou de inúmeras acusações durante os anos da Revolução Cultural, inclusive de incesto. Na fotografia abaixo (Figura 2) já haviam cortado à força seu cabelo – parecido demais com o de Mao, um insulto – e expostos os objetos que serviam de prova do delito: três relógios, três bolsas de mão de couro sintético e dois broches. A sobrinha, a quem pedira que guardasse seus preciosos pertences, o tinha denunciado. Li Fanwu sobreviveu, mas nunca se recuperou do trauma sofrido (ZHENSHENG, 2003, p. 110-117).

²³ “la misión del fotógrafo no es solamente ser testigo de la historia, sino documentarla” (ZHENSHENG, 2003, p. 78).

²⁴ “No sabía si lo hacía en nombre de la revolución, para las generaciones venideras o simplemente para mí mismo, sin embargo tenía la certeza de que mi cámara era el mejor instrumento para llevar a cabo este cometido” (ZHENSHENG, 2003, p.79).



Figura 2 – Uma vez que seu cabelo é cortado, Li Fanwu é forçado a se curvar como reverência por horas e a levar restos de cabelo sobre os ombros. A placa que se vê atrás diz: Bombardeie o quartel! Desmascarar e denunciar o comitê regional do Partido.²⁵



Fonte: Li Zhensheng, Red Color News Soldier (ZHENSHENG, 2003, p. 112-113).

A forma costumeira do fotógrafo se posicionar para registrar os expurgos era de frente para a multidão, com os denunciados curvados de costas vestindo seus cartazes difamatórios e não raro portando um humilhante chapéu de burro. Assim enfatizavam a grandiosidade da ação em imagens positivas para a revolução. Mas Li Zhensheng ia além. Decidira “fazer o registro fotográfico do que viu com outro olhar. “Desde meus tempos de estudante de cinema, eu sabia que nada é mais expressivo que o rosto”, relembra” (HARAZIM; ZHENSHEG, 2013). Assim, aproximava-se da vítima e o olhava nos olhos. Escolhia os ângulos e composições de forma mais humana, sem julgar, procurando devolver alguma dignidade ao acusado, ao menos no território da imagem, em um momento tão desafiador. “Documentou de forma

²⁵ Una vez que le han cortado el cabello, Li Fanwu es obligado a inclinarse a modo de reverencia duante horas y a llevar restos de pelo encima de sus hombros. El cartel que se ve detrás reza: ¡Bombardead los cuarteles! Desenmascarad y denunciad al comité regional de Partido (ZHENSHEG, 2003, p. 112-113).



magistral a dimensão cinematográfica dessa revolução espetaculosa. Mas também manteve o foco no indivíduo por trás das massas. Conseguiu fazer o retrato do ser humano quando ele é aniquilado pela vergonha, pelo opróbrio social”.

Mas ainda havia as imagens negativas, como as de execução pública, que sequer deviam ser tiradas. Para manter o controle, o departamento de propaganda do comitê revolucionário “obrigava os fotógrafos a entregar seus negativos. A maioria acatou a ordem, e por fim os negativos foram queimados e destruídos” (ZHENSHENG, 2003, p. 203, tradução nossa)²⁶. Menos Li Zhensheng. Ele não entregaria suas imagens à destruição e tampouco se contentaria em documentar apenas um lado da história. Desejava-a completa. Convicto e consciente do risco que corria.

O Diário de Heilongjiang, em Harbin – na fria província a noroeste do país, onde trabalhava – assim como os demais jornais chineses, eram obrigados a responder às diretrizes da autoridade local e sofriam com acirrada vigilância e constantes inspeções pela Guarda Vermelha, tanto no ambiente interno de trabalho quanto em sua atuação externa. Li Zhensheng conta que, fotografando na rua, por vezes os rebeldes proibiam a entrada da imprensa, chegando a velar o filme de um repórter por suspeitar de tratar-se de “material negro” – como eram chamados os arquivos que podiam mais tarde depor contra o movimento. Enquanto os fotojornalistas mais velhos começaram a temer cobrir os eventos organizados pela rebelião, o jovem fotógrafo se concentrava em como conseguir autorização para trabalhar sem impedimento.

Li Zhensheng sabia que “o fervor revolucionário era imparável, e se não seguisse a multidão esta podia se voltar facilmente contra você” (2003, p. 79, tradução nossa)²⁷. Havia enorme pressão para que todos se tornassem guardas vermelhos e portar a rubra braçadeira podia significar passe-livre para exercer seu trabalho. Com este propósito em mente, criou seu próprio grupo rebelde junto a cinco homens e uma mulher do departamento editorial do jornal. Conquistava, assim, sua estimada braçadeira de *Guarda Vermelho das Notícias* e livre acesso para registrar os acontecimentos.

²⁶ “obligaron a los fotógrafos a entregar sus negativos. La mayoría acató la orden, y finalmente los negativos fueron quemados y destruidos” (ZHENSHENG, 2003, p. 203).

²⁷ “el fervor revolucionario era imparable, y si no seguías a la multitud ésta podía volverse fácilmente en tu contra” (ZHENSHENG, 2003, p. 79).



O risco de confrontos externos estava mitigado; porém, mantinha-se o perigo da inspeção interna. A ordem em destruir todo e qualquer documento que depusesse contra a revolução persistia. Para que as imagens não fossem descobertas, o fotógrafo criou o hábito de revelar todos os seus rolos de filme e rapidamente separar os negativos *negativos* dos demais, escondendo-os dentro de envelopes em um compartimento secreto numa gaveta do escritório. Mas com o acirramento das buscas, se viu obrigado a transferir o esconderijo para dentro de sua casa. Com meticuloso cuidado e o apoio fundamental de sua mulher, que vigiava a reação dos vizinhos pela janela, cavou à mão por dias uma fenda no assoalho da sala para enterrar os milhares de fotogramas proibidos. Deste modo, escondendo da luz ofuscante da vigilância do Estado, logrou preservar as fotografias sitiadas dos chamados “10 anos de caos”, aproximadamente de 3 a 5 mil negativos que permaneceram intocados por pelo menos duas décadas.

Na contramão dos demais fotojornalistas chineses que não ousaram arriscar a vida para salvar imagens, Li Zhensheng conseguiu não somente documentar como salvaguardar os dois lados da história: o lado oficial e supostamente positivo do regime e sua face negativa e proibida. Como podemos ver na fotografia abaixo (Figura 3) de uma execução pública. Seis presos comuns, cinco homens e uma mulher, foram unidos deliberadamente a dois presos políticos. O delito deles foi publicar um folheto com o título “Olhando ao Norte”, que fora erroneamente interpretado como olhando para a União Soviética e julgado revisionista. Li Zhensheng sempre fez questão de se aproximar, olhar nos olhos, devolver a dignidade. Pouco antes da execução, ouviu de Wu Bingyuan, um dos supostos contrarrevolucionários, a frase que não sairia de sua cabeça: “Este mundo é demasiado sombrio” (2003, p. 193, tradução nossa)²⁸.

²⁸ “Este mundo es demasiado oscuro” (ZHENSHENG, 2003, p. 193).



Figura 3 – Os oitos processados são forçados a se ajoelhar no chão. Pouco antes da execução, um guarda tenta separar Cui Fengyuan e Guan Jingxian (à esquerda), os dois amantes condenados.²⁹



Fonte – Li Zhensheng, *Red Color News Soldier* (ZHENSHENG, 2003, p. 198).

Somente em 1988 se sentiria confortável em começar a revelar publicamente algumas de suas imagens. Apesar da sensação se esvaír quando ocorreu o Massacre da Paz Celestial (1989), sabia que era chegado o momento de trazer à luz seu tesouro escondido. Foram necessárias outras duas décadas de trabalho em conjunto com Robert Pledge – o guardião ocidental das imagens de Li (HARAZIM; ZHENSHENG, 2013) – para tirar as fotografias clandestinas da China em segurança e editar em Londres o tão sonhado livro. Ao todo, contabilizou-se quarenta anos de espera para que *Red-color news soldier* (2003) ganhasse vida e revelasse ao mundo uma verdade que até hoje os chineses são proibidos de ver.

²⁹ Los ocho procesados son obligados a arrondilharse en el suelo. Justo antes de la ejecución, un guarda intenta separar a Cui Fengyuan y Guan Jingxian (a la izquierda), los dos amantes condenados (ZHENSHENG, 2003, p. 198).



5 Considerações finais: que futuro é possível sem as guias do passado?

A China fecha os olhos para a História. Nega sua tradição, silencia suas disputas, apaga seus fracassos. Desconecta-se, assim, do seu passado – e, por conseguinte, do seu futuro – e faz com que o presente se torne uma estranha lacuna. “Desprovido da tradição, a luta do homem para constituir o território do atual, acossado pelas forças terríveis do passado e do futuro, torna-se mais árdua; e a transmissão da experiência para as gerações vindouras – mesmo a experiência revolucionária – inviável” (LISSOVSKY, 2009). Hannah Arendt (2011) relembra a frase do poeta francês René Char: “Nossa herança nos foi deixada sem nenhum testamento”. Sem testamento, sem tradição, não há qualquer indício sobre “onde se encontram os tesouros e qual o seu valor”, não há a transmissão detalhada das “posses do passado para um futuro”. Da ausência de referências, resta um vazio no presente.

Do gesto arriscado do fotógrafo surgem as fotografias sitiadas. Imagens que já nascem interditas, veladas em sua aparição por expressar o que é imperativo ocultar. Imagens urgentes, que paradoxalmente aguardam. O propósito de sua sobrevivência, o sentido de sua existência, não se contém nos indícios de um tempo ido, mas se potencializa em seu vislumbre de futuro, um tempo onde sua visibilidade torna-se possível e sua urgência possa encontrar ressonância e sentido. Tempo este sempre contemporâneo.

Consciente do valor do que tinha em mãos, convicto de sua missão, Li Zhensheng prontificou-se a deixar pegadas, totens que demarcam o trajeto por onde o futuro possa, num encontro súbito em um momento de perigo (BENJAMIN, 2012, p. 243), reconectar-se com o passado. A fotografia constitui esse lugar onde o relampejar dos encontros se faz possível, o território dos olhares correspondidos, “de um face a face em que o passado far-se-ia ver-se como *súbita atualidade*” (LISSOVSKY, 2009, p. 46). É a fotografia como reserva de futuro que faz com que a espera de uma vida valha à pena.

Quantas décadas ainda serão necessárias para que as fotografias de Li Zhensheng realizem sua missão de contar aos chineses sua própria história? Infelizmente o fotógrafo não mais testemunhará este tão sonhado dia. Assim como nosso querido Maurício Lissovsky, Li Zhensheng se foi. Deixaram uma herança de presente para nós e as gerações futuras. E, enquanto isso, as imagens sobrevivem,



numa poética da resistência própria das fotografias sitiadas em sua espera incansável pelo olhar correspondido nos *benjaminianos* tempos de agora.

Referências

- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BADIOU, Alain. **A hipótese comunista**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- BARTHES, Roland. E então, a China? **Anuário de Literatura**, São Paulo, n. 2, p. 161-168, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/download/5339/4681/16705>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas, v. 1).
- BRANDINI, Laura Taddei. Autoridade e alteridade na China de Roland Barthes. **Revista Letras Raras**, Campina Grande, v. 8, n. 4, p. 70-85 (port.) / p. 69-83 (eng.), dez. 2019. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1611>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- BRANDINI, Laura Taddei. Roland Barthes e o ensaio enquanto ficção da China. **Remate de Males**, Campinas, v. 37, n. 2, p. 745-761, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8648701>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- CHANG, Jung; HALLIDAY, Jon. **Mao**: a história desconhecida. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CHU, Xiaoquan. Alain Badiou and the multiple meanings of the “Cultural Revolution”. **China Perspectives**, Paris, p. 85-88, 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org/chinaperspectives/7142>. Acesso em: 27 nov. 2021.
- HARAZIM, Dorrit; ZHENSHENG, Li. O guardião da história. **Revista Zum**, São Paulo, v. 4, set. 2013. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-4/o-guardiao-da-historia/>. Acesso em: 20 set. 2022.
- JUNG CHANG: site oficial do autor *best-seller* internacional. Disponível em: <http://www.jungchang.net/>. Acesso em: 17 mar. 2022.
- LISSOVSKY, Maurício. **Pausas do destino**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014.
- LISSOVSKY, Maurício. Dez proposições acerca do futuro da fotografia e dos fotógrafos do futuro. **Revista FACOM**, São Paulo, n. 23, p. 4-15, 2011.
- LISSOVSKY, Maurício. Quando a fotografia se diz-dobra. A propósito dos perceptos de Valéria Costa Pinto. **Revista Significação**, São Paulo, v. 36, n. 31, p. 43-61, 2009.



PLEDGE, Robert. Prefácio. *In.*: ZHENSHENG, Li. **Soldado rojo de las noticias**. London: Phaidon Press Limited, 2003. p. 7-8

POLLACK, Rachel. La Chine en rose? Tel Quel face à la Révolution culturelle. Complément au numéro 8 de la revue papier: les maoïsmes français. **Dissidences**, Paris, v. 1, 2011. Disponível em: <http://preo.u-bourgogne.fr/dissidences/index.php?id=83>. Acesso em: 02 fev. 2022.

SHORT, Philip. **Mao: a life**. London: Henry Holt and Co., 2000.

TSÉ-TUNG, Mao. **O livro vermelho**: citações do comandante Mao Tsé-Tung. São Paulo: Martin Claret, 2002.

ZHENSHENG, Li. **Soldado rojo de las noticias**. London: Phaidon Press, 2003.